

Moema Toscano: uma visão de feminismo no Centro da Mulher Brasileira

(fins dos anos 70 início dos anos 80)

Cecília Chagas de Mesquita

Surgido no Brasil nos anos 70, o novo movimento feminista foi marcado pela diversidade. A repressão política e a realidade sócio-econômica do país, ao mesmo tempo em que limitaram, deram as características particulares do feminismo brasileiro. A conjuntura nacional agravou o impasse base do movimento: a articulação entre luta política contra a opressão social e histórica da mulher e a dimensão da subjetividade.

Entre 1979 e os primeiros anos da década de 80, com a abertura dos campos de participação política no país, possibilita-se uma maior diferenciação de trajetórias dentro do movimento feminista e, portanto, um processo de redefinição na noção de feminismo. Nesse momento, a sociedade já reconhece a relevância das suas causas. Além disso, a conquista da anistia e o fim do bipartidarismo colaboram para uma divisão política mais evidente das mulheres unidas em nome do feminismo. A partir de então, os grupos se atomizam, aqueles que lutavam pelo fim da opressão feminina perdem força, dando espaço a uma militância técnica e profissional no espaço institucional e na academia.

Esta pesquisa foi realizada a partir de entrevistas concedidas por feministas brasileiras desse período à equipe do projeto de pesquisa "Zombaria como Arma Antifeminista: Rio de Janeiro (fins da década de 1960 aos anos 1980)". O objeto desse estudo é o relato da socióloga Moema Toscano sobre sua vida e sua participação no Centro da Mulher Brasileira entre fins dos anos 70 e início dos anos 80. A análise da narrativa de Moema nos permite compreender como se formou sua percepção a respeito das relações entre gêneros e qual a idéia de feminismo que prevalece em seu discurso. A partir das discussões levantadas pelo emprego de fontes orais em história e pelos estudos em torno da memória, podemos pensar sobre como os sujeitos conferem sentidos a determinadas realidades, tendo como base as informações que nos fornecem nos relatos de suas trajetórias individuais.

A trajetória de vida de Moema está ligada a sua participação no movimento feminista do Rio de Janeiro através do Centro da Mulher Brasileira, entidade que inaugurou oficialmente o novo feminismo no Brasil, em 1975. Moema fez parte do quadro do CMB durante 25 anos, desde sua fundação até o seu fim, no ano 2000.

A idéia de movimento feminista expressa por Moema Toscano em seu relato e em outras fontes – documentos do Centro da Mulher Brasileira e do arquivo pessoal de Moema - está ligada a uma visão particular de feminismo e liberação que pode ser compreendida a partir de sua trajetória de vida e do contexto histórico brasileiro no qual se desenvolveu. Moema enxergava a questão da mulher como um problema social que seria resolvido paralelamente à resolução dos problemas gerais, pensando o trabalho das mulheres a partir da realidade sócio-econômica da época e comprometendo-se com as mulheres que mais sofriam com essa realidade: as trabalhadoras urbanas e rurais.

Em sua entrevista¹ Moema ressalta o incentivo por parte dos pais para que trilhasse um caminho diferente do que, segundo ela, seria comum às mulheres de sua época. Ao longo da entrevista, ela destaca que sua sensibilidade com relação à questão da mulher sempre esteve presente como parte de seu temperamento, ou seja, Moema sempre teve a idéia de que o caminho da mulher não era o casamento, e que a maternidade não significava uma predestinação. Um aspecto que a marcou muito foi a visão do casamento como uma condenação, dada a inexistência do divórcio.

Em relação ao cotidiano do CMB, Moema ressalta a questão da ligação entre algumas feministas da entidade e os partidos políticos. Segundo ela, as mulheres que possuíam ligações com partidos políticos tentavam ditar as regras a serem seguidas pelo CMB. Esta posição, no entanto, era confrontada por um outro conjunto de mulheres que acreditava caber apenas ao grupo estabelecer as linhas do movimento. Moema afirma que após 1979, durante o período de redemocratização, as militantes do Centro começaram a se vincular a partidos políticos como o PT, o CMB foi então se enfraquecendo. Houve uma disputa de poder com mulheres ligadas a partidos, que segundo Moema, não eram feministas, apenas oportunistas.

A partir desse momento começam a se evidenciar alguns pontos de atrito entre as feministas, antes escondidos em razão da repressão política do país, que ao mesmo tempo que limitava o espaço político fora do Centro, limitava o conteúdo dos debates dentro dele. Os conflitos nesse momento giravam em torno da linha de ação do CMB: sua autonomia e a idéia de feminismo que elas trabalhavam. Para confirmar sua fala, a socióloga cita uma entrevista que deu no jornal *O Pasquim*², em 1980, junto com outras integrantes do CMB. Ela afirma que nessa entrevista se pode perceber a tendência de algumas feministas por uma aproximação do feminismo com partidos políticos.

Na referida entrevista, respondendo à pergunta de Ziraldo, Moema diz existirem três tendências de feminismo no Brasil, no seu ponto de vista. A primeira, na qual se insere, vê o problema da mulher dentro do aspecto global da sociedade e volta sua ação para as mulheres trabalhadoras assalariadas. A segunda seria aquela que vê o problema feminino como o conflito homem-mulher associando o sistema ao homem, voltando sua luta contra este último, sem pensar em classes. A terceira, de centro, não discute o contexto social, somente a questão da mulher. Trata-se de uma linha que teria relação com o movimento feminista dos anos 20, composta por burguesas. Sendo o grupo com maior poder de atuação.

Esta última seria a linha que Anette Goldberg chama de liberal. Na entrevista que nos concedeu, ao se referir à participação dessa linha no Centro da Mulher Brasileira, Moema diz: *A palavra 'presidência' dava arrepios nessa turma mais comprometida com o laissez-faire (...)*³ apontando uma postura política mais centralizadora que pode ser confirmada no exame das atas do Centro da Mulher.

Ainda na entrevista ao jornal *O Pasquim*, Moema Toscano diz que a libertação da sociedade passa pela libertação da mulher. O capitalismo vai ser questionado a partir da conscientização dos trabalhadores, por isso elas trabalham mais com mulheres de classe baixa, conscientizando-as da dominação capitalista tanto quanto da dominação masculina. A maior vítima da opressão exercida pelo sistema, portanto, era a mulher pobre. Vale lembrar que esta entrevista foi concedida num momento em que o jornal *O Pasquim*, na pessoa do

cartunista Ziraldo, e as feministas estavam em confronto nas páginas do jornal por causa de uma charge que Ziraldo desenhou no Jornal do Brasil em resposta a pichações feitas por feministas no muro de sua casa. A entrevista veio encerrar a questão entre os dois lados. O discurso das entrevistadas procurou mostrar a estreita ligação entre libertação feminina e libertação da sociedade, articulando as “lutas específicas” das mulheres às “lutas gerais”. Na conclusão dessa entrevista elas expõem o que esperam do movimento feminista. Moema diz que o seu trabalho é criar um novo tipo de relação entre homens e mulheres”, e completa: “Sim, para nós está claríssimo que não vamos conseguir resolver o problema da mulher sem resolver o da sociedade”.⁴

As atas das assembléias do CMB do período comprovam sua estreita ligação com atividades consideradas mais práticas como o trabalho com o grupo de creches e outros grupos de trabalho. Na entrevista concedida ao projeto ela confirma sua preferência pelos grupos de ação, preterindo os chamados grupos de reflexão:

“Nós que éramos mais ativistas não gostávamos muito desse termo, porque a gente achava que o grupo de reflexão era para você ficar só uma refletindo com a outra, e nós já queríamos ir para a briga, queríamos ir para esses movimentos de faveladas, queríamos ir para o sindicato...”⁵

Os relatos de Moema e as demais fontes nos permitem perceber como se formou sua visão de feminismo, observando sua ligação com sua trajetória de vida e com o contexto histórico em que se desenvolveu. A visão de feminismo de Moema Toscano é representativa de uma das visões de feminismo percebidas no CMB, que se evidenciaram entre 1979 e início dos anos 1980, quando o processo de redemocratização do Brasil, a concessão da anistia e o fim do bipartidarismo permitiram uma maior expressão de posições políticas e, portanto, tornaram mais claras as divergências de noções de feminismo existentes na entidade. Moema acreditava no feminismo como uma luta das mulheres por emancipação e igualdade de direitos, menos voltada para a discussão da noção de liberação, limitada a alguns grupos de reflexão que não possuíam muito espaço no Centro da Mulher Brasileira.

Anette Goldberg⁶, em sua tese de mestrado, chama a atenção para a heterogeneidade do feminismo que se difundiu no Brasil, para sua multiplicidade em termos

dos significados e das motivações que lhe foram associadas por mulheres de diferentes formações e orientações político-ideológicas. Uma questão válida para destaque é a tendência de abarcar todas estas visões sob uma única designação de “feminismo”, o que faz com que se perca a riqueza de seus ideais e as articulações com o quadro mais amplo da realidade brasileira.

Goldberg coloca também a questão da especificidade do feminismo brasileiro, que surgiu como possibilidade de expressão política em meio à repressão da ditadura militar, ao mesmo tempo em que foi muito limitado por esse contexto político, uma vez que as questões específicas da mulher dividiam espaço com as questões gerais da sociedade, consideradas mais legítimas e urgentes, principalmente entre 1975 e 1979, antes do início do processo de abertura política.

Segundo a análise de Goldberg, a partir de 1980 duas vertentes do feminismo se consolidaram no Centro da Mulher Brasileira: a primeira, ela chamou de feminismo marxista ou socialista, que se colocava contra o conservadorismo do feminismo liberal e contra o sexismo do feminismo radical, para as feministas socialistas a luta seria empreendida ao mesmo tempo contra o capitalismo e o patriarcalismo. Para tanto, as militantes deveriam se engajar tanto em partidos políticos quanto nos grupos de mulheres, desde que separasse esses dois campos de atuação.

A segunda vertente seria o autonomismo, que valorizava a subjetividade, a sexualidade e denunciava a separação entre as esferas do público e do privado, pretendendo criar na sociedade novas formas de organização e relações sociais, atuando através de grupos de reflexão (ou auto-consciência).

As tendências de feminismo que percebemos no Centro da Mulher Brasileira não são tão claras nem compartimentadas como podemos pensar a partir do enquadramento dos mesmos nos modelos europeus, mesmo após 1979 quando elas tomam uma forma um pouco mais distinta uma das outras.

Embora possamos identificar na visão de feminismo de Moema, entre fins dos anos 70 e início dos anos 80, uma aproximação com a linha que Anette chama de “feminismo

socialista”, seu discurso mescla elementos das demais correntes feministas citadas pela autora. No livro “Revolução das Mulheres”, por exemplo, publicado no início dos anos 90, Moema se refere às questões específicas das mulheres, enumerando-as:

“Colocando em discussão as questões específicas da mulher - a sexualidade feminina, o machismo brasileiro, a vigência de valores culturais do patriarcado e do paternalismo, a dupla jornada de trabalho, a ausência de uma política adequada de planejamento familiar, a desigualdade no mercado de trabalho, a violência sofrida pela mulher – o movimento feminista criou um fato político que não pode ser ignorado (...)”.⁷

De qualquer forma, evidencia-se a permanência de uma ideologia que divide os conflitos sociais em duas esferas: a esfera do público e a do privado, separando, portanto, o pessoal do político. No mesmo livro destaco a seguinte passagem:

“Mas, sem nenhuma dúvida, o movimento feminista colocou, com muita clareza e força, a discussão sobre questões específicas da mulher, em especial sobre a desigualdade existente entre homens e mulheres no mundo público e no mundo privado. A mulher passou a reivindicar igualdade em todos os níveis, passou a usar a sua voz e, aos poucos, começou a ser ouvida por toda a sociedade”.⁸

Analisando a participação de Moema Toscano no movimento feminista brasileiro, percebe-se que a crítica do político e da divisão das esferas como base para a criação de um novo sujeito mulher e de uma cultura política alternativa não foram suas bandeiras principais. A noção de gênero para Moema foi importante no sentido de eliminar as distinções sociais baseadas em diferenças sexuais, abrindo o campo de possibilidades para a participação social da mulher além do âmbito doméstico e eliminando as discriminações e os estereótipos sexuais. O sujeito mulher de Moema Toscano era aquele que poderia viver emancipadamente, compartilhando dos mesmos direitos que os homens na busca da realização pessoal e nesse mesmo caminho libertar o homem das barreiras que a opressão de gênero exerce também sobre ele.

Atuando de forma ampla e autônoma dentro do movimento feminista brasileiro desde o seu início, Moema Toscano dedicou boa parte da sua vida às lutas em favor de melhores condições de vida para as mulheres. Levantando a bandeira do feminismo, ela levou consigo sua proposta humanista: transformar as relações entre homens e mulheres, proposta que se encontra por trás do conceito de gênero e da crítica às relações de dominação no âmbito doméstico. Embora não tenha aprofundado o debate em torno da noção de gênero e sua relação com a política tradicional, Moema Toscano, a partir de sua própria visão de mundo e sensibilidade contribuiu de forma incontestável para a disseminação de uma nova cultura política no Brasil, um novo saber a respeito das relações de poder que se estabelecem na vida cotidiana entre homens e mulheres.

¹ Entrevista de Moema Toscano concedida à equipe do projeto Zombaria como arma antifeminista: Rio de Janeiro (fins dos anos 1960 aos anos 1980), em 2 de abril de 2003.

² Entrevista “Feministas x Ziraldo”, *O Pasquim*, Rio de Janeiro, 1980, p.p.16-18.

³ Entrevista de Moema Toscano. Op.cit.

⁴ Entrevista “Feministas x Ziraldo”. Op.cit.

⁵ Entrevista de Moema Toscano. Op.cit.

⁶ GOLDBERG, Anette. *Feminismo e Autoritarismo: a metamorfose de uma utopia de liberação em ideologia liberalizante*. Tese de Mestrado, UFRJ, Rio de Janeiro, 1987 (mimeo).

⁷ TOSCANO, Moema & GOLDENBERG, Mirian. *A Revolução das Mulheres. Um balanço do feminismo no Brasil*. Editora Revan, Rio de Janeiro, 1992.

⁸ TOSCANO, Moema & GOLDENBERG, Mirian. Op. cit.